

JORGE MEDAUAR E A MELANCOLIA DA “CIVILIZAÇÃO CACAUEIRA”

Cristiano Augusto da Silva¹

Recebido em 23/04/2019. Aprovado em 06/06/2019.

Resumo: O escritor Jorge Medauar (1918-2003) inicia sua carreira como poeta nos anos 1940. Em 1958, estreia na prosa com o livro *Água preta*. Sua carreira exitosa de prosador se estenderia até o final dos anos 1990, perfazendo mais de uma dezena de livros, prêmios e reconhecimento da crítica. O ponto central de nossa análise é o deslocamento crítico que o narrador realiza no conto “O apito” para as margens das relações de poder no contexto sul-baiano, apresentando uma perspectiva melancólica frente aos discursos de modernização conservadora ligados à “civilização cacaueira”. Embora tematize o mesmo ambiente social, geográfico e político que conterrâneos canônicos como Adonias Filho e Jorge Amado, o contista apresenta personagens complexos e periféricos que colocam contrapontos aos pactos e disputas políticas ligadas à produção cacaueira e ao coronelismo. A obra de Medauar abre possibilidades interessantes para se pensar o processo de modernização conservadora na região e a própria função da literatura regional.

Palavras-chave: Jorge Medauar. Literatura sul-baiana. Conto.

Breve biografia

Jorge Emílio Medauar², filho de imigrantes árabes, nasce em 1918 no povoado de Água Preta do Mucambo, atualmente município de Uruçuca, na região sul da Bahia. Ainda jovem muda-se para São Simão, interior de São Paulo com seus pais, Emílio Medauar e

¹ Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Professor de Literatura Brasileira e Teoria Literária (UESC). Membro do PPGL Linguagens e Representações (UESC). Coordena o Grupo de Pesquisa Literatura Brasileira e Contextos Autoritários.

² O primeiro, composto pelos seguintes livros de poesia: *Chuva sobre a tua semente* (1945); *Morada de paz* (1949); *Prelúdios noturnos e tema de amor* (1954); *Fluxograma* (1959) e *Jogo chinês* (1962), e um exclusivamente de sonetos, *À estrela e aos bichos* (1956). O segundo é formado por contos: *Água Preta* (1958), prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro; *2 contos de festas*, com Ricardo Ramos (1958); *A procissão e os porcos* (1960); *Histórias de menino* (1961); *O incêndio* (1963), prêmio Governador do Estado de São Paulo; *O dinheiro do caju – O cigano* (1963), *Jorge Medauar conta estórias de Água Preta* (1975); *No dia em que os peixes pescaram os homens* (1978); *Bom como diabo* (1982); *Visgo da terra* (1983); *Contos encantados* (1985), *Viventes de Água Preta* (1996). Há ainda um livro de crítica, *Ensaio* (2000). Seus contos e poesias receberam traduções para outras línguas e estão presentes em antologias brasileiras e estrangeiras: *Panorama do conto baiano* (1959); *Poesia del Brasile D’Oggi* (1968), publicada na Itália; *Mestres do Conto Brasileiro* (1972), publicada em Lisboa; *O moderno conto da região do cacau* (1978); *Cacau em prosa e verso* (1982); *O conto em vinte e cinco baianos* (2009) (ASSIS, 2018, p.12-3).

Maria Zaidan Medauar. Sua carreira como escritor, jornalista e publicitário se inicia no Rio de Janeiro, em 1945. A partir desse período, trabalha em duas revistas ligadas ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), como secretário na *Literatura* (1946-1948) e redator na *Fundamentos* (1948-1955).

Nesse período, o Brasil passava por um momento de retorno à democracia após a ditadura do Estado Novo capitaneada por Getúlio Vargas. Com o golpe de 64 e a implementação do regime militar, Medauar recebe ameaças por conta de sua militância. Em São Paulo, atuou em faculdades, jornais, revistas e agências de publicidade. Fundou a Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM) onde exerceu as funções de diretor e professor. Foi na cidade de São Paulo que passou maior parte da sua vida, falecendo no dia 3 de junho de 2003. Também desempenhou as funções de secretário, diretor, colaborador, assessor, dentre outras, em diversos jornais como *O Estado de São Paulo*, *A Tarde* (Salvador) e *O Globo*. Como escritor, representou a UBE (União Brasileira de Escritores) no Rio de Janeiro e São Paulo e foi membro das Academias de Letras de Ilhéus e da Academia de Literatura Infantil e Juvenil de São Paulo. De amplas relações nos meios artísticos e intelectuais, o escritor conviveu com diversos pares, como, por exemplo, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e seu conterrâneo Jorge Amado (ASSIS, 2018, p.11-2).

Regionalismo: dois contrapontos atuais à crítica tradicional

Antes de analisarmos o conto “O apito”, de Medauar, pretendemos fazer uma breve discussão sobre regionalismo por perspectivas de renovação desenvolvidas por dois pesquisadores nos últimos anos. Essa reflexão é importante por oferecer apoio teórico à hipótese de que a obra de Medauar não se coaduna com a linha de uma literatura conservadora acerca do sul da Bahia, antes, pelo contrário, sua narrativa trabalha com as margens das relações de poder.

Em 1995, Chiappini publica “Do beco ao belo: 10 teses sobre regionalismo em literatura”, artigo que resulta de pesquisas realizadas sobre o tema desde os anos 1970. Trata-se de um texto de fundamental importância por reavivar e tensionar o debate sobre o regionalismo, considerado como uma produção, na grande maioria das obras, datada e de pouco ou nenhum valor, segundo a crítica tradicional. Seu trabalho vem a público em um

momento importante de inflexão e forte crítica aos estudos literários tradicionais e a seu objeto central de reflexão: o cânone. No texto a professora apresenta uma premissa central que procura combater duas ideias conservadoras: a) o regionalismo como produção anacrônica, portanto, inválida, em comparação com a literatura urbana; b) o regionalismo como categoria negativa versus o universal, categoria positiva.

Chiappini defende a necessidade de se observar a permanência e força do regionalismo na literatura brasileira no século XX, descartando a ideia batida de que se trata de uma “fase” superada, portanto, que estaria presa ao oitocentismo de construção identitária nacional e o movimento regionalista de 30. No lugar dessas visões estanques, ela incentiva pesquisadores a ultrapassarem o preconceito de boa parte da crítica brasileira sobre o regionalismo. Para tanto, suas teses

convidam a relativizar esse juízo, fundadas no seguinte argumento: se é verdade que o regionalismo como movimento e criação de obras serviu a políticas nacionalistas estreitas e totalitárias, como a do “Sangue e solo” de Hitler e ou à da “França profunda” de Vichy, não é menos verdade que também tem, nesses e em outros países, contestado essas mesmas políticas e aproximado solidariamente o leitor da cidade e do campo, auxiliando-nos a vencer preconceitos, respeitar a diferença e alargar nossa sensibilidade ao descobrir a humanidade do outro de classe e de cultura (CHIAPPINI, 1995, p. 154).

Além disso, é perceptível a dedicação da pesquisadora ao regionalismo como um campo complexo de produção literária tão válida como qualquer outro. Tanto assim que ela prossegue:

Na mesma linha, as teses levantam ainda um problema elementar mas crucial para pensar a questão: em vez de explicar a obra regionalista bem realizada, negando sua relação com o regionalismo para afirmar imediatamente sua universalidade, seria preciso enfrentar pela análise trabalhosa de cada caso, a questão de como se dá a superação dos limites da tendência, de dentro dela mesma pela potencialização de suas possibilidades artísticas e éticas [...] (CHIAPPINI, 1995, p. 154).

Conforme veremos a seguir, a obra de Medauar vai de encontro à noção de regionalismo pitoresco, exótico ou laudatório de elementos do sul da Bahia, em especial, o processo histórico da lavoura cacaueteira e seus desdobramentos políticos. Portanto, necessitamos ampliar o que entendemos por literatura regional.

Para tanto, nos valem de importante artigo de Arendt que amplia e revisa a discussão do regionalismo proposta por Chiappini. O pesquisador parte de uma questão fulcral para se pensá-lo, o reconhecimento da diversidade de produções no vasto território nacional:

De um modo geral, as classificações propostas por historiadores da literatura nacional ou estadual não dão conta da multiplicidade de manifestações literárias e sua articulação, principalmente, com os sistemas literários regionais. As histórias literárias não abarcam a totalidade das obras e autores que conseguiram transbordar as fronteiras regionais em que nasceram e, muito menos ainda, as produções cuja circulação a elas se restringiram. O grande número de obras publicadas por gráficas e editoras de pequeno porte, localizadas fora dos centros urbanos ou regiões metropolitanas, dificilmente integram as histórias literárias, em razão tanto do critério qualitativo que se impõe à visibilidade das Letras estaduais e nacionais, quanto ao hábito de se qualificarem essas criações como menores, provincianas, regionalistas (ARENDR, 2015, p. 111).

Mais adiante, Arendt chama a atenção para o problema da função generalizante desempenhado por essa categoria:

Embora de uso corrente nos estudos literários, observo que o termo regionalismo provoca confusões de natureza conceitual, especialmente porque, conforme já afirmei, ele é empregado para englobar todas as manifestações literárias de ambiência rural, sem que se considere a diversidade de posicionamentos ou de pontos de vista dos escritores. Da mesma forma, tem sido gerador de preconceitos, por considerar as produções regionais com base no critério do valor universal do fato literário (2015, p. 112).

Nas passagens mencionadas, o autor destaca a necessidade de abordagens específicas para objetos singulares, de modo a se evitar o uso de um sistema literário como grande engrenagem que explicaria toda a literatura nacional e que coloca o regionalismo na função de uma pequena peça de uma engrenagem maior. Afinal, se estamos tratando de literatura regional é necessário pensar em critérios, categorias e conceitos a partir dos traços daquela localidade, daquele contexto de produção e recepção.

Ao discutir uma definição de literatura regionalista (STÜBEN apud ARENDR, 2015, p. 115), como a “que propaga a cultura de uma região como programa e paradigma, que lhe impõe limites em relação a outros espaços ou a defende contra um centro”, Arendt

faz uma reflexão aguda sobre tal conceituação, comparando dois clássicos brasileiros regionais:

A exaltação e a defesa de caracteres julgados ideais para a configuração de um *ethos* regional (em oposição, por exemplo, ao urbano ou ao suprarregional) é o que atribui especificidade a esse tipo de literatura [segundo Stüben]. Em razão disso, é possível arriscar uma rápida exemplificação: *O sertanejo*, de José de Alencar, e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, não deveriam ser abrigados sob a expressão “regionalismo”, só porque ambos os romances estão ambientados em espaços rurais. Enquanto o primeiro idealiza (idiliza) o tipo de organização social do interior cearense oitocentista, o último questiona os mecanismos de poder do patriarcado rural alagoense do primeiro quartel do século XX. **O posicionamento dos autores diante da matéria representada, nesse sentido, é diametralmente divergente e inconciliável, parecendo incoerente denominá-los “regionalistas” e diferenciá-los apenas com o recurso da adjetivação (regionalismo pitoresco ou romântico e regionalismo crítico ou neorrealista, respectivamente [segundo Bosí]), ou alçar a obra de um deles a uma dimensão supostamente “universal”, para negar-lhe o parentesco com a literatura regionalista** (ARENDRT, 2015, p. 115, grifo nosso).

Diante da complexidade de posições dos escritores em relação ao espaço regional, Arendt procura ampliar o debate propondo três categorias, “literatura regional”, “literatura em uma região” e “literatura sobre uma região”. Vejamos.

A primeira categoria procura sair da análise exclusiva da temática dos textos para pensar em termos de um sistema literário de uma localidade:

A estruturação de um sistema literário dentro de um espaço particularizado, afastado ou não de centros metropolitanos, torna-se responsável, pois, pelo processo de regionalização da literatura. A difusão limitada não resulta, necessariamente, da baixa qualidade da literatura regional. Trata-se antes de uma autonomização maior dos sistemas literários regionais em função da autossuficiência do seu capital artístico. Autores que produzem, editoras que publicam, eventos que promovem e público que consome ajudam a compor uma paisagem literária diferenciada, inserida, por sua vez, em uma paisagem mais ampla e diversificada (ARENDRT, 2015, p.117, grifo nosso).

Ao partir de elementos concretos do sistema literário de uma região, Arendt aponta para a necessidade de observar a produção, recepção, debates, enfim, a estética da recepção das obras produzidas nas localidades. Após detalhada discussão sobre “literatura regional”, o professor faz uma articulação entre os dados concretos do sistema local e os internos, por assim dizer, temáticos:

Do ponto de vista sociológico, a “literatura regional” diz respeito à circulação ou à abrangência de autores e de obras dentro de um sistema literário situado em um sistema mais amplo (nacional e até supranacional): ela se refere “ao domínio da escrita restrita à região” (STÜBEN, 2002, p. 57). E a “literatura regionalista”, ou o “regionalismo literário”, por seu turno, tem a ver com a forma engajada e idealizada de representação das regionalidades de um espaço sociocultural. Finalmente, do ponto de vista temático, é possível afirmar que “literatura regional” é a categoria que engloba todas as produções literárias em que as regionalidades se fazem presentes, tanto aquelas de teor mais crítico quanto aquelas interessadas em exaltar valores de uma região. Uma obra pode ser, portanto, regional pelo simples fato de conter regionalidades; ao mesmo tempo, pode ser regionalista por apoiar as regionalidades no pedal do ismo. Retomando os exemplos de *O sertanejo*, de Alencar, e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, é possível chegar à seguinte equação: ambas as obras podem ser enquadradas, por causa da presença indiscutível das regionalidades, na categoria “literatura regional”, mas apenas *O sertanejo*, por razões já explicitadas, carregaria o adjetivo “regionalista” (ARENDDT, 2015, p. 120).

A segunda categoria proposta por Arendt, “literatura *em* uma região”, é assim caracterizada:

Com a categoria “literatura em uma região” é possível abranger a literatura localizada em uma região, mas não uma região localizada dentro da literatura, porque nela estão em jogo as denominadas regionalidades externas: quem escreve, quem publica, quem critica, quem lê; quem incentiva, quem patrocina, quem fatura; o que se publica (gêneros), quanto se publica; quem vende, onde se vende, para quem se vende etc. Trata-se de verificar, assim, como se definem “regiões literárias” a partir dos elementos que constituem um sistema literário particularizado. De outro modo, também é possível observar como a “literatura em uma região” se configura em consonância ou não com regiões geográficas, econômicas, políticas ou administrativas já estabelecidas a priori (ARENDDT, 2015, p. 121).

A terceira categoria proposta por Arendt, intitulada “Literatura sobre uma região”, volta-se para as configurações e temáticas das obras:

Como a própria nomenclatura indica, essa categoria abrange produções literárias que tematizam uma região, mas que não são necessariamente produzidas na região a que se referem. A literatura sobre uma região pode ser reconhecida pelas regionalidades internas aos textos literários, ou seja, pelas particularidades culturais representadas ficcionalmente (...). Em outros termos, trata-se de uma categoria da literatura regional a partir da qual se pode pensar a configuração de regiões socioculturais com base nas representações literárias (ARENDDT, 2015, p. 122-3).

Pelas propostas de Arendt, seria plausível afirmar que a obra de Medauar apresenta aspectos da categoria “literatura sobre uma região”, acrescido de seu olhar crítico sobre o patriarcado e o coronelismo. A esta perspectiva inovadora de seus narradores, podemos também atribuir ao autor sul-baiano o aspecto de humanidade ao outro em sua obra (CHIAPPINI, 1995, p. 154), traço estranho aos discursos estabelecidos sobre a civilização cacaueteira e grapiúna, marcados por forte presença e exaltação da violência e, por vezes, uma noção historicista sobre a História.

Os trabalhos de Chiappini e Arendt, aqui brevemente discutidos, se constituem em linha divisória na renovação dos estudos sobre regionalismo, posto que confrontam ideias cristalizadas que travavam os debates em termos dualistas e estanques. Por essa razão nos auxiliam como apoio teórico no impasse que a obra de Medauar se torna para a chamada “civilização cacaueteira”.

Jorge Medauar: um problema para a civilização cacaueteira e grapiúna

Em 2018, completaram-se cem anos do nascimento de Jorge Medauar, no entanto, a data passou praticamente batida. No esquecimento de sua obra manteve-se praticamente inalterado, o que, a nosso ver é tema de investigação em aberto, pois há um contraste entre tal situação e o reconhecimento da crítica e do público em sua carreira, como atestam os prêmios recebidos e a variedade e porte das editoras que lançaram seus livros.

Nossa suspeita é a de que o apagamento de sua obra, tanto em prosa quanto em poesia, ocorra, em grande parte, devido ao teor de seus próprios contos, mais especificamente. Em outras palavras, seus modos de representação, menos visuais e mais focados nas tramas e no interior de seus personagens, se mostram estranhos quando comparados à “força visual e temática” de seus dois principais autores conterrâneos e, por décadas, coetâneos.

Obviamente, ao falarmos de “força visual e temática”, referimo-nos à obra de Jorge Amado, com sua escrita engajada de grande alcance em termos de classes sociais, culturas de grupos excluídos e dominantes, formando painéis de variadas extensões geográficas e humanas. Trata-se de grandes narrativas, em sentido moderno, a ponto de pensarmos em romances épicos.

Em chave diversa, mas também fundamental, como referência da produção sul baiana, é a obra de Adonias Filho, pela construção de outro tipo de painel social calcado no processo violento e inexorável da ocupação das terras sul baianas em torno do cacau.

Em recente e importante trabalho sobre três livros de Adonias Filho, (*Os servos da morte* (1946), *Memórias de Lázaro* (1952) e *Corpo vivo* (1962)), por uma perspectiva de revisão de sua obra, Paixão discute a carga de violência de sua obra como um dado a ser refletido de modo crítico e não enaltecido. A conclusão do texto é impactante por bater literalmente de frente com discursos homogeneizantes acerca da formação cultural da região:

A partir do exposto por Hall, parece possível problematizar as estruturas identitárias, pertencentes à região grapiúna contemporânea, pelas narrativas adonianas. *Servos*, *Memórias* e *Corpo* implicam outra conduta ao leitor: a de admissão e conformidade a determinada mudança de perspectiva no modo de ilustrar a realidade sul-baiana cacauzeira. A trilogia da barbárie parece não objetivar o despertar de sentimentos e pensamentos irretocáveis, cuja necessidade cultural grapiúna tanto almeja, cujos méritos ultrapassem o normal (concepção heroica clássica). Pelo contrário: a apresentação das forças em jogo faculta a apreensão daquela profundidade obscura que nos constitui, do que fora até então recalçado, do interdito moralmente e que em Adonias Filho, por meio dessa trilogia, se transforma em recurso para convencer, para alterar a opinião e o comportamento recordando a difícil tarefa de fracassar ao imitar modelos tão idealizados. Entregam-se, portanto, os espólios dessa nau. Naufragada de imagens bárbaras e de personagens monstruosos, aguarda novos sopros para uma (re) partida (PAIXÃO, 2018, p. 100).

O trecho chama a atenção para a necessidade de mudança quanto às perspectivas e valores de recepção da produção literária e cultural sul baianas, as chamadas “civilização cacauzeira” e “civilização grapiúna”, as quais, como veremos, não foram construídas por processos de hibridização tranquilos rumo a uma fusão harmônica, mas, antes, por impactos entre visões do mundo, culturas e interesses diversos que levam a uma cultura negativa, para usarmos uma tese frankfurtiana (ADORNO, 2001).

No entanto, a perspectiva fragmentada de Medauar sobre o contexto sul-baiano parece não ter caído bem na inteligentsia da região. Se o escritor foi bem recebido pela

crítica jornalística, ao longo de sua carreira como poeta e prosador³, sobretudo fora da Bahia (ASSIS, 2018; MEDAUAR, 1975, p. 157-9), somente no século XXI, mais especificamente nos últimos anos, surgem pesquisas sobre sua obra em prosa, que debatem suas representações estranhas aos dois principais romancistas sul- baianos.

As narrativas de Medauar vão de encontro às temáticas consagradas pela crítica conservadora tais como sagas familiares e valores patriarcais do sul da Bahia, lugares comuns da literatura local. Seu olhar volta-se para personagens às margens do centro de poder das chamadas “civilização cacauqueira” também conhecida e confundida como “civilização grapiúna”. Mas o que seriam essas noções pelo olhar conservador da crítica local? Vejamos:

Situado na Mata Atlântica remanescente da Costa do Cacau, esse local grapiúna apresenta singularidades que o fazem especial. Mais do que um espaço geográfico, esse território, antes de tudo, se constrói de uma relação que envolve **apropriação, domínio, identificação, pertencimento, demarcação**; é expressão simbólica de uma cultura, **enriquecida** pelas várias etnias que aqui se **hibridizaram**: indígena, branca e negra; depois, **acrescentadas**, dentre outras, pela cultura sírio-libanesa (SIMÕES, 2011, p. 13, grifo nosso).

A explicação é bem construída menos pelo que guarda de específico da região e mais por seu caráter coringa. Em outras palavras, ela permite seu emprego em qualquer outra região brasileira, caso nos valhamos da ideia, bastante conservadora, de conagração de culturas. Não caberia também para falar da região amazônica ou mineira? A definição do mundo grapiúna é plástica e polivalente, os termos sublinhados são afirmativos, contudo, a autora não revela os agentes e os pacientes de tais movimentos de “apropriação”, “domínio” etc empregados como atemporais, quando sabemos que não há processo cultural sem choques e traumas.

Os demais termos grifados na citação compõem a cultura como somatório de partes que levam a um todo: enriquecida, acrescentada. No entanto, novamente não se diz quem controla os processos e o resultado desses encontros sobre populações em situação de opressão, como os indígenas e os negros na região.

³ Em 1959, ganha o prêmio Jabuti por *Água Preta* (1958). No mesmo ano, Jorge Amado recebe o prêmio na categoria romance, com *Gabriela cravo e canela* (1959). Em 1963, Medauar ganha o prestigiado Prêmio Governador do Estado de São Paulo por seu livro *O incêndio*, publicado no mesmo ano.

Trata-se de um modo bastante interessado, portanto, ideológico, de tratar a cultura, tomada como algo doce, leve, colaborativo, contribuinte, voluntário, porém, sabemos haver sempre um lugar de fala dominante. Nada mais parecido com a “cor local” dos românticos brasileiros do século XIX, que tanto enalteciam os índios, os caboclos, os negros, para justamente apagar a práxis de defesa do *status quo*. Como contraponto, sugerimos a leitura de *Cartas a favor da escravidão* (2013), de José de Alencar, que mostra o grau de separação entre sua atuação política e seu projeto literário. Em termos teóricos, essa linha marcada pelas paisagens sociais e geográficas é a predominante quando se pensa em regionalismo literário, como bem explica Chiappini no mencionado artigo de 1995:

A obra literária regionalista tem sido definida como “qualquer livro que, intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais”, definição que alguns tentam explicitar enumerando tais peculiaridades (“costumes, credices, superstições, modismo”) e vinculando-as a uma área do país: “regionalismo gaúcho”, “regionalismo nordestino”, “regionalismo paulista”...Tomado assim, amplamente, pode-se falar tanto em um regionalismo rural quanto de um regionalismo urbano. No limite, toda obra literária seria regionalista, enquanto, com maiores ou menores mediações, de modo mais ou menos explícito ou mais ou menos mascarado, expressa seu momento e lugar. Historicamente, porém, a tendência a que se denominou regionalista em literatura vincula-se a obras que expressam regiões rurais e nelas situam suas ações e personagens, procurando expressar suas particularidades linguísticas (p. 155).

Voltemos a Simões, que, em artigo, discute a obra de Jorge Amado sob uma perspectiva do turismo local:

Assim é que aquele mesmo leitor [de Jorge Amado] que leu os livros produzidos nos anos 30, que se deparou com a época da conquista das terras, da luta de classes (coronel x trabalhador rural), **a ação dos jagunços (ajudando os coronéis a enriquecerem pela força da sua ambição), também divertiu-se com as noitadas do Bataclan**, deliciouse com os bolinhos da Gabriela, acompanhou as negociações políticas da mudança do porto de Ilhéus, a exportação do cacau, a sua comercialização. Depois acompanhou a formação dessa **civilização grapiúna** já por outra ótica, que foca a identidade, reconhece sergipanos, negros e turcos como elementos formadores dessa cultura. **Mostra como as classes menos aquinhoadas contribuíram e enriqueceram o panorama cultural local**. Conhecem a história contada por outro viés (SIMÕES, 2002 p.179, grifo nosso).

Novamente, a pesquisadora lê processos e embates históricos violentos como uma festa americana, à qual cada convidado traz um prato, participando cada um tacitamente

com sua cultura, de modo que todos contribuam para a formação da nação grapiúna. Também se repete o tom eufêmico dos problemas sociais, tais como a união entre jagunços e coronéis ou o Bataclan, local histórico de prostituição em Ilhéus, lido por uma perspectiva do riso, da diversão. Para usarmos tais adjetivos com sentido agradável, é importante pensar o ponto de vista de quem narra a história.

Os conceitos de “civilização cacaueteira” e “civilização grapiúna” remetem ao pensamento conservador de linha de Gilberto Freyre, que se fundamenta em “miscigenação”, “contribuição cultural”, “ascensão”, “auge”, “decadência”, sem observar impasses de processos históricos e seus traumas. Estamos, portanto, diante de uma linha historicista de pensamento que interpreta cultura como “festa americana”, para lançar mão de uma comparação adequada.

Nesse sentido, civilização cacaueteira e grapiúna desempenham a função de mito fundador, o qual:

[...] oferece um repertório inicial de representações da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna (isto é, qual o elemento principal que comanda os outros) como da ampliação de seu sentido (isto é, novos elementos vêm se acrescentar ao significado primitivo). Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimentam-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. É exatamente por isso que, sob novas roupagens, o mito pode repetir-se indefinidamente (CHAUÍ, 2000, p. 10).

A filósofa trata em seu livro de mitos fundadores em termos nacionais, no entanto, sabemos que estes existem em escalas menores, regionais, caso do cacau, “fruto dourado”. A função deste no sul da Bahia é igual a qualquer outro em dimensão nacional: juntar tudo e todos numa espécie de pacto de sujeição moderno no qual tensões históricas, políticas etc são deslocadas para um objeto de culto, de promessa vindoura de felicidade:

Existem alguns objetos, animais, acontecimentos, pessoas e instituições que podemos designar com o termo semióforo. São desse tipo as relíquias e oferendas, os espólios de guerra, as aparições celestes, os meteoros, certos acidentes geográficos, certos animais, os objetos de arte, os objetos antigos, os documentos raros, os heróis e a nação (CHAUÍ, 2000, p. 11).

Medauar parece não servir para a divulgação turística de Ilhéus ou para a construção de painéis voluntariosos da cultura sul-baiana, pois, embora tais elementos se

façam presentes em seus contos, ele não construiu tramas com predomínio de protagonistas abastados social e economicamente ou aspectos arquitetônicos e geográficos do ambiente. Em seu lugar, abriu espaço para pescadores, trabalhadores rurais, pequenos agricultores, crianças, ciganos, oleiros, donas de casa, ambulantes etc. Por isso a hipótese de que sua leitura a contrapelo da violência local seja forte motivo para seus livros estarem fora de catálogo. Importante destacar a apropriação e da grande mídia conservadora da obra de Jorge Amado no tocante a aspectos turísticos de uma ideia de baianidade a partir dos anos 80, sobretudo. Medauar vai em caminho diverso, o que lembra a seguinte reflexão:

Quando consegue superar o otimismo autocentrado das elites ganhadoras ou o simples ressentimento das frações perdedoras, expressando o modo como o pobre “paga o pato” em um e outro caso, ela supera também os limites estreitos da ideologia, para virar forma de conhecimento e vivência solitária dos diferentes problemas do homem pobre brasileiro (CHIAPPINI, 1995, p. 698).

O conto “O apito”: promessa conservadora e melancolia

Situados alguns problemas e questões contextuais, acerca das noções de civilização cacauera e civilização grapiúna, analisaremos o conto “O apito” pela perspectiva da melancolia, a qual se mostra estranha às leituras enaltecidas da cultura oficial do cacau como dado inexorável da história. Por melancolia, aqui entendemos:

Uma perda afetiva – que pode ser a morte de uma pessoa amada, namorado(a), esposo(a), filho(a), pai ou mãe – envolvendo um afeto central para a vida do sujeito. Essa perda pode ser também a morte de um grupo de pessoas, o desaparecimento de um período de tempo que não volta – como a infância, na perspectiva de um adulto –, de uma situação afetiva. Ou o afastamento de pessoa(s), ou o distanciamento de um lugar. O comportamento melancólico é caracterizado por um mal-estar em relação à realidade (GINZBURG, 2017, p.11-2).

No lugar da glória dos decaídos fazendeiros, o conto oferta o olhar melancólico de um menino sobre a promessa frustrada de modernização conservadora, prometida contraditoriamente pelo mesmo cacau, fator central da economia da região no contexto da narrativa.

O conto “O apito” foi publicado pela primeira vez em *Histórias de meninos* (1962) e republicado na recente coletânea *O conto em 25 baianos* (2009), organizada por Cyro de Mattos. Sua trama é de estrutura simples: um garoto da pequena Água Preta vai para Ilhéus em suas férias. Lá, fica sabendo que um navio estrangeiro atracaria na cidade. Toda a história gira em torno da expectativa do menino e da cidade frente àquela novidade:

A notícia se espalhou pela cidade: um navio estrangeiro — dos grandes — ia embocar no porto de Ilhéus.

Quando soube, a voz ficou presa, a língua embolou. Desde que chegara esperava esse grande dia. Já tinha visto barco de todos os tamanhos — saveiros, canoas, botes, jangadas. Até vapor. Mas dos pequenos. Dos que vinham de Salvador, Maragogipe ou Camamu, carregados de piaçaba, cachaça, carne-do-sertão, farinha, louças de barro, mantimento para o de comer, passarinhos e até caça. Uma vez vira uns bois descendo pela prancha de desembarque. Mas era vapor miúdo, costeiro estreito que embarcaria se avançasse mar a dentro (MEDAUAR, 1962, p. 121).

A literatura brasileira tem farta produção nesse campo discursivo construído sob perspectivas infantis, como atestam os famosos “Profundamente”, de Manuel Bandeira, e “Infância”, de Carlos Drummond de Andrade, ou o traumático e homônimo romance *Infância*, de Graciliano Ramos.

A chegada do navio era a chance de fazer inveja aos amigos quando retornasse para sua cidade, atitude conhecida das crianças na construção de suas identidades, com seus anseios por demarcar posses, narrativas etc:

Quase todos os meninos, seus companheiros, que vinham a Ilhéus com a família, já tinham visto o mar, a praia, barcos, jangadas — coisas novas que não tinham nenhuma parecença com os pés de pau de Água Preta, os buracos de lama das ruas, o capim dos caminhos, o rio magro com suas piabinhas de rabo vermelho. Mas nunca que nenhum tivesse se babado na frente de um vapor daqueles que só eram vistos nas figuras de revistas. Diz-que esses vapores tinham âncoras maiores que um pé de jenipapo. Quando soltavam o apito, as casas estremeciam. Carregavam o maior peso do mundo e era como se não fosse nada: nem parecia (MEDAUAR, 1962, p. 122-3).

De modo linear, o conto irá se desenrolar até o final em torno do anseio do menino e da cidade pela chegada do navio, sempre por meio de um narrador onisciente seletivo, com uso intenso do discurso indireto livre. A opção pela centralização em um personagem amplia a ansiedade pelo encontro com o navio, o que, na hipótese aqui lançada, estica e eleva a curva da trama se pensarmos em um gráfico entre tempo da narrativa e tensão sobre

o leitor na abertura do conto: “Quando soube, a voz ficou presa, a língua embolou. Desde que chegara, esperava esse grande dia (MEDAUAR, 1962, p. 121).” Ou seja, o clímax é construído pelas sensações do garoto:

Já queria que atracasse **logo**, encostasse **bem** de junto dele, **acabasse com aquele vexame**. Estava num lugar bom, rente à ponte de atracação. Dali não sairia enquanto o bicho não silenciasse as máquinas. **Dali não sairia enquanto o bicho não silenciasse as máquinas**. Mas o tempo estava passando. O bruto parecia parado. **Por que não inchava mais, não avançava?** (MEDAUAR, 1962, p. 130, grifo nosso).

E na mesma página, mais adiante:

O sol ardendo por cima da cabeça. Mas sol não era nada não. Aguentaria. O valor de uma visão daquela era o que mais importava. Viu que a seu lado o homem do guarda-chuva o havia aberto, protegendo-se da quentura. Tornou a olhar para longe. Até aqui havia **desviado os olhos do navio, disfarçando**, só para verificar, quando tornasse a olhar, se o colosso estava mais perto. **Que nada! No mesmo lugar. Que diabo estava acontecendo?** A pergunta não era só sua: todo mundo estava indagando (MEDAUAR, 1962, p. 130, grifo nosso).

Pelos exemplos, observamos a predominância dos sentimentos do menino, suas indagações, seus anseios bem demarcados pelos advérbios “já”, “logo”, sua impaciência presente nas frases “No mesmo lugar”, “Que nada!”. Os poucos diálogos do conto são breves comentários de personagens terciários sobre a chegada do navio que confirmam o estado de tensão do garoto e o colocam no centro da narrativa. Nesse sentido, nosso protagonista mirim não tem interlocutores; arriscamos dizer que seu grande interlocutor seriam suas próprias emoções em torno do navio, de sua promessa de novidade.

A ansiedade do garoto pela chegada do navio, base da trama, guarda camadas que também reproduzem essa relação dual entre o desejo e a frustração. Se assim o for, podemos afirmar que o conto tem diversos pares em oposição que criam tensões em aberto, mesmo após o desenlace. Vejamos alguns desses pares antagônicos.

Logo no início, há uma hierarquia de valores em termos regionais. O menino de Água Preta, cidade de menor importância na narrativa, sentia-se menos vivido, por assim dizer, do que seus colegas em relação aos demais companheiros de sua cidade, que também já tinham passado férias em Ilhéus, maior e mais importante na região.

O trunfo do garoto em relação aos colegas, nessa hierarquia, seria o grande navio que só ele veria: “Mas nunca que nenhum tivesse se babado na frente de um vapor daqueles que só eram vistos nas figuras de revistas” (MEDAUAR, 1962, p. 123). Este seria o primeiro par antitético em termos de escala de valor.

Embora a narrativa tenha poucos diálogos, quase sempre indiretos e curtos, com predominância das reflexões do menino, a chegada do navio estrangeiro é algo que movimenta a cidade, portanto, não se trata apenas de uma promessa para aquele pequeno protagonista, mas para toda a cidade:

Saíra para o porto logo depois do almoço. Estava sozinho, esperando, admirado porque não vira ninguém. O sol batendo na cabeça. Com pouco mais, principiaram a chegar as negras dos tabuleiros, com amendoim torrado na fieira, rolete de cana, açaá. Ficou se distraíndo, vendo os besouros e as canoas que traziam povo de Pontal [...] (MEDAUAR, 1962, p. 121-2).

Passando a um segundo par, temos de um lado o contraste entre os barcos pequenos que atravancavam no porto de Ilhéus: “saveiros, canoas, botes, jangadas. Até vapor. Mas dos pequenos”, e de outro o navio estrangeiro com a promessa de modernidade: “Agora seus olhos iam-se saciar em cima de um bicho sem tamanho. Diz-que era dos que a gente precisava de meio dia para dar a volta toda no tombadilho” (MEDAUAR, 1962, p. 121-2).

Se, para o garoto, Ilhéus representava a modernidade que se tornaria maior ainda com a experiência do vapor estrangeiro, alguns elementos bastante incômodos começam a aparecer ao longo da narrativa, por exemplo, a certeza da chegada do navio: “Duas-três vezes fora ao porto se informar com ganhadores sobre a chegada do vapor. Ninguém dizia coisa com coisa. Viam que era um menino que ia indagar, despachavam o assunto, dizendo: É hoje, é amanhã” (MEDAUAR, 1962, p. 122). Aqui, portanto, surge a tensão para o primeiro par antitético composto pela vinda do navio e sua real chegada. Ou, entre os barcos pequenos, conhecidos do garoto, e o contato com uma embarcação transoceânica.

Nesse sentido, a ansiedade do menino, por conhecer um vapor dos grandes, se apresenta como uma metáfora de algo ansiado em uma terra já cheia de promessas em torno da riqueza do cacau. Do trecho inicial supracitado, destacamos a seguinte passagem:

Quase todos os meninos, seus companheiros, que vinham a Ilhéus com a família, já tinham visto o mar, a praia, barcos, jangadas — coisas novas que não tinham nenhuma aparência com os pés de pau de Água Preta, os buracos de lama das ruas, o capim dos caminhos, o rio magro com suas piabinhas de rabo vermelho (MEDAUAR, 1962, p. 122-3).

A comparação entre a grandiosidade de Ilhéus e a pequena e pobre Água Preta, segundo o olhar do menino, cria a primeira dualidade no conto, estabelecendo uma tensão inicial muito significativa: o progresso da cidade e o atraso de sua cidadezinha, com suas ruas enlameadas, suas piabinhas de rabo vermelho. Porém, com o desenrolar da história, a promessa do navio se esvai pouco a pouco: notícias desencontradas sobre sua chegada, críticas, em duas passagens, à dimensão do porto que nunca teria condições de atracá-lo.

De repente, começou juntar gente. Devia estar quase na hora — considerou. Tinha que esperar. Continuou na distração, vendo o carregamento de cacau nas alvarengas. Dois homens, na beira do porto, conversavam. Chegou-se para perto, abriu os ouvidos. Um deles disse: — Esse porto quase não dá para um Ita, que dirá para um vapor estrangeiro. Já foi o tempo que os suecos atracavam. Hoje, essa pinoia tem mais areia no fundo do que juízo na cabeça do Governo. Duvido muito que passe na barra... — É mesmo — disse o outro. E cuspiu na água (MEDAUAR, 1962, p. 123-4).

Mais adiante, no meio das pessoas, temos outro comentário negativo (ou realista?) sobre o local de atracamento: “O porto apertado de gente. O práctico se preparando para receber o vapor. Alguém dizia que não estava entendendo a razão daquele vapor atracar num porto tão esculhambado como o de Ilhéus” (MEDAUAR, 1962, p. 125).

Próximo ao final do conto, surge um novo par antitético, no caso, a modernidade propalada pelo cacau e as condições reais precárias de vida na cidade, sobretudo para a população pobre que dependia de Dr. Lopes, personagem que existiu de fato e foi um médico, negro, em uma sociedade racista, na primeira metade do século XX em Ilhéus.

Outro par antitético está na expectativa da população pela chegada do navio, que aparece em diversos momentos, anseio afinado com o desejo do menino, e a frustração também da mesma população para com o navio que não chegara:

Reparou que o povo se retirava. Olhou mais uma vez para longe: viu que o práctico estava mesmo de volta. Agora o sol era brando. O homem do guarda-chuva tinha ido com os outros. Só os ganhadores estavam por ali.

Ninguém mais se importando com o navio. O entupimento de povo estava esbagaçado (MEDAUAR, 1962, p. 132).

O último par antagônico está no contraste entre o enorme navio (“um bicho sem tamanho”) e o pequeno siri, o “bichinho” que foge do garoto. Ou, mais ainda, entre o apito do navio e os vaqueiros de Água Preta, na belíssima e delicada passagem abaixo: “Do navio, levava apenas o apito: um apito triste, igualzinho ao aboio dos vaqueiros, quando passavam tangendo boiada pelas ruas de Água Preta” (MEDAUAR, 1962, p. 133).

Ao transformar um garoto de uma cidade periférica em relação ao decantado projeto modernizador de Ilhéus (centrado na monocultura e no latifúndio como eixos centrais de sua organização econômica e política), Medauar dá de ombros para as famosas narrativas em torno de coronéis, famílias, disputas por terra, com suas tocaias, vinganças e violências de toda ordem.

Trata-se de impasses sociais em aberto no contexto sul-baiano: de um lado, os discursos oficiais em torno da civilização cacauzeira, com apagamento de seu processo violentíssimo, de outro, a sensação de vazio causado pelas promessas não realizadas:

A principal hipótese de reflexão consiste em que, na contemporaneidade, haveria uma presença recorrente de narradores descentrados. O centro, nesse caso, é entendido como um conjunto de campos dominantes na história social – a política conservadora, a cultura patriarcal, o autoritarismo de Estado, a repressão continuada, a defesa de ideologias voltadas para o machismo, o racismo, a pureza étnica, a heteronormatividade, a desigualdade econômica, entre outros. O descentramento seria compreendido como um conjunto de forças voltadas contra a exclusão social, política e econômica (GINZBURG, 2012, p. 201).

É plausível afirmar que o narrador de “O apito” pode ser considerado um narrador descentrado, conforme a definição de Ginzburg. A ideia pode ser estendida a toda sua obra, pois o autor foca em suas tramas a vida de oleiros, ciganos, pescadores, mulheres pobres, pequenos agricultores, ciganos, no lugar de coronéis, padres, cafetões, fazendeiros, políticos locais.

Nesse sentido, perde “importância” o painel regionalista, tão preñado de cor local, a função fotográfica da literatura apontada anteriormente e tão presente na literatura baiana canonizada. O conto apresenta os pensamentos de uma criança que sonha em ver um navio estrangeiro, ao mesmo tempo em que articula o sonho infantil com elementos tensos da

história cotidiana da cidade (o porto esculhambado, a falta de assistência médica, o poder dos coronéis, o provincianismo da cultura local, o tédio de uma cidade pequena). Trata-se de aspectos que, lidos em grande angular, oferecem uma potente chave interpretativa acerca de uma promessa gigante e coletiva de modernização conservadora – afinal, é apenas um grande objeto de fetiche, distante, a ser observado por muitos e desfrutado por poucos, mas que nunca chega⁴.

Em perspectiva metafórica, o desejo do garoto vai sendo, pouco a pouco, substituído por uma frustração, seguido de melancolia, uma vez que os discursos em torno do progresso cacauero trabalham, como visto anteriormente, pelo prisma historicista. No interior do enredo (ambientado em meados do século XX), no contexto de sua publicação (anos 60) e no silêncio quase absoluto em torno de sua obra, a melancolia da região constitui-se devido ao impasse entre os discursos de promessa de avanço e da real existência de grande parte de sua população.

A cena final do conto apresenta um desenlace para o jogo das antíteses indicadas acima que o perpassa, o jogo iniciado com a comparação entre a rica Ilhéus e a pobre Água Preta:

Um sirizinho apontou numa greta das pranchas: desembaraçou as pernas, encolheu os ombros, disparou na corrida.

O menino foi atrás. **O siri se enfiou pelo lado de baixo das tábuas.** O menino pisou com força, atijando o siri. Esperou um pouco: o bichinho poderia estar escondido em uma daquelas pranchas encarreiradas em sua frente.

Espichou os passos, saiu pisando tábua por tábua, até pisar o chão firme da rua.

Do navio, levava apenas o apito: um apito triste, igualzinho ao aboio dos vaqueiros, quando passavam tangendo boiada pelas ruas de Água Preta (MEDAUAR, 1962, p. 132, grifo nosso).

⁴ Sugerimos aos leitores e leitoras dois trabalhos no campo cinematográfico que fazem contrapontos agudíssimos a tal visão: o primeiro o documentário *Os magníficos* (2009) e o segundo o filme *A coleção invisível* (2013), ambos assinados por Bernard Attal. Ao mesmo tempo, indicamos um outro documentário construído pela perspectiva dos cacauicultores sobre as razões da decadência da riqueza em torno do fruto dourado: trata-se do documentário *O nó – ato humano deliberado* (2012), de Dilson Araújo. A contraposição entre os dois primeiros títulos e este terceiro permitirá um aprofundamento produtivo para o público no campo de embates e impasses em torno das narrativas de fundação da chamada civilização cacauera e de sua importância econômica, política e simbólica.

Ao concluir o conto pela imagem de um sirizinho que foge do menino, esvaziam-se as bravatas de grandeza. Daquele monstro de navio tão sonhado fica apenas um resíduo, para usarmos a imagem drummondiana; isto é, sobra-lhe um fragmento na memória, fragmento não visual, mas auditivo. Parece este elemento mais impactante para o menino (ou ao próprio narrador em linha autobiográfica?) do que as perigosas promessas de modernização (para poucos) que parecem nunca se realizar na região. Um som ao longe incomoda, atrapalha e se coloca no caminho dos discursos de riqueza que tanto insistem em sustentar a ideia de civilização cacaueteira, mas que se mostra melancólica, profundamente melancólica.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Crítica cultural e sociedade. In: **Prismas: crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Ática, 2001, p. 7-26.

ARENDETT, João Claudio. Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais. **Todas as letras**, São Paulo v. 17, n. 2, p. 110-126, 2015.

ASSIS, Luana Isabel Silva de. **Para além do cacau: descentramento em contos de Jorge Medauar**. 2018. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2018.

ASSIS, Luana; JUTGLA, Cristiano. A representação dos ciganos em contos de Jorge Medauar. **Fólio**, Vitória da Conquista, v. 9, n. 2, p. 439-458, jul./dez. 2017.

CHAUÍ, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: 10 teses sobre regionalismo na literatura. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 153-159, 1995.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas: Autores Associados, 2017.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas Quaderni di Letterature Iberiche e Iberoamericane**, Milão, v. 2, p. 199-221, 2012.

MATTOS, Cyro de. **O conto em vinte e cinco baianos**. Ilhéus: Editus, 2009.

MEDAUAR, Jorge. **Histórias de menino**. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1962.

MEDAUAR, Jorge. **Jorge Medauar conta histórias de Água Preta**. São Paulo; Brasília: MEC/INL, 1975.

PAIXÃO, Bárbara Albuquerque da. **Barbárie e civilização na trilogia do cacau adoniana**: vingança, violência e morte. 2018. 107 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2018.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Grapiunidades**. Ilhéus: Editus, 2011.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. **Revista Brasileira de Literatur a Comparada**, Niterói, v. 6, n. 6, p. 177-184, 2002.

JORGE MEDAUAR AND THE MELANCHOLY OF THE “COCOA CIVILIZATION”

Abstract: The writer Jorge Medauar (1918-2003) began his career as a poet in the 1940s. In 1958, he made his debut in prose with the book *Água preta* [Black Water]. His successful career as a prose writer would extend to the late 1990s, making over a dozen books, awards, and critical acclaim. The central point of our analysis is the narrator’s critical shift in the “The Whistle” tale to the margins of power relations in the South Bahia context, presenting a melancholic perspective in face of the conservative modernization discourses linked to the “cocoa civilization”. Although he thematizes the same social, geographical, and political environment as canonical companions such as Adonias Filho and Jorge Amado, the short story writer features complex and peripheral characters who put counterpoints to political pacts and disputes related to cocoa production and coronelism. Medauar’s work opens interesting possibilities to think about the process of conservative modernization in the region and the very function of regional literature.

Keywords: Jorge Medauar. Southern literature of Bahia. Short story.